



Experiência e Cultura: Uma Possível Aproximação Entre Antropologia, Sociologia e História em E. P. Thompson e Marshall Sahlins

Pablo Ornelas Rosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O pensamento marxista tem se apresentado ultimamente de diferentes formas e sob diferentes pontos de vista, inclusive aproximando disciplinas e áreas do conhecimento. Enquanto alguns autores se limitam a compreendê-lo apenas como uma análise do modo capitalista de produção, outros tentam contextualizá-lo, utilizando-o como referencial também para análises de outros modos de produção, indo além do referencial pautado na economia política, atingindo aspectos analíticos de cunho sociais, culturais, históricos, entre outros. Assim, o objetivo deste trabalho será pensar de que forma as categorias experiência e cultura poderão contribuir na aproximação entre a antropologia, sociologia e história a partir de autores como E.P. Thompson e Marshall Sahlins.

**Palavras-Chave:** Experiência, Cultura, Estrutura e Marxismo.

**Experience and Culture: A Possible Approximation Between Anthropology, Sociology and History in E. P. Thompson e Marshall Sahlins**

**ABSTRACT:** The marxist thought has if presented lately of different forms and under different points of view, also approaching disciplines and areas of the knowledge. While some authors if limit to only understand it as an analysis in the capitalist way of production and labor, others try to also to contextualize it, using it as referee for analyses in other ways of production, going beyond the referee in the economy politics, reaching social, cultural, historical analytical aspects of matrix, among others. The objective of this work will be to think of that it forms the categories experience and culture will be able to contribute in the approach between the anthropology, sociology and history from authors as E.P. Thompson and Marshall Sahlins.

**Keywords:** Experience, Culture, Structure and Marxism.

---

<sup>1</sup> Pablo Ornelas Rosa é bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia Política pelo PPGSP – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente cursa o doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) pelo PEPGCS – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Endereço lattes: <http://lattes.cnpq.br/1908091180713668>).



É notório que o pensamento marxista tem se apresentado cada vez mais sob diferentes formas. Enquanto alguns autores se limitam em compreender as idéias de Karl Marx apenas como uma análise do modo capitalista de produção, outros tentam contextualizá-la, utilizando como referencial para suas análises sobre outros modos de produção ou até mesmo não levando em consideração apenas o referencial pautado na economia política, mas também os referenciais sociais, culturais, históricos, entre outros.

Enquanto alguns autores se limitam em compreender os diferentes modos de produção pautados em uma estrutura social presente em todas as sociedades e determinantes em qualquer análise, outros farão críticas veementes buscando contextualizar este tipo de abordagem que muitas vezes se supõe totalizantes uma vez que se utilizam deste aspecto universal para justificar suas análises, contemplando as diversidades sociais, históricas, econômicas, dentre outras, ou seja, crendo ser extremamente relevante esta contextualização cultural a partir das idéias de Marx, uma vez que este autor se propôs apenas a analisar o modo capitalista de produção de sua época.

Portanto, é a partir deste limiar da discussão entre o pensamento marxista abordado por uma visão histórica pautada em E. P. Thompson e a visão antropológica de Marshall Sahlins, crítica ao estruturalismo, que iniciaremos este trabalho.

*Deve ser ressaltado que a análise das racionalidades econômicas das formas não capitalistas esbarrou nas polêmicas teóricas e ideológicas em que os antropólogos se digladiaram principalmente a partir dos anos 50 do século passado. Se Lévi-Strauss já havia criticado asperamente o funcionalismo como uma banalidade teórica e Marshall Sahlins, em sua fase marxista, em artigo sobre a noção de afluência em sociedades caçadoras e coletoras, enfatizando que a noção de adaptação é sempre indeterminada (Sahlins, [Carvalho, org.], 1978:7/44), Godelier irá ponderar que o peso real do parentesco e dos aspectos político-religiosos nunca foi suficientemente entendido e analisado pela antropologia não-marxista. A reiteração do marxismo antropológico em tentar perceber a dinâmica contraditória presente na primitividade e nos movimentos gerais da evolução é fato relevante que não pode ser descartado. Uma leitura atenta das Formas econômicas pré-capitalistas, de Karl Marx (1971), pode constatar preocupação convergente. Marx, que nunca se dedicou ao estudo regular das formações primitivas, sempre destacou que o fluxo histórico que desemboca no capitalismo é, ao mesmo tempo, contínuo e descontínuo, funcional e disfuncional, contraditório e não-contraditório, estável e instável. Essa irreversibilidade contém contradições, instabilidades,*



*retroações, dissipações. É justamente esse caráter não-linear das relações de transformação que se encontra presente nas complexas transições de um modo de produção a outro. Essas passagens, ou transições, são sempre multiformes, multifuncionais, multidimensionais, contêm lógicas sociais as mais diversas, jamais capturadas pela mera identificação empírica. (CARVALHO, 2003: 76-77).*

Foi a partir do método utilizado por E. P. Thompson em sua análise sobre a formação da classe operária inglesa – na qual propôs uma importante crítica às leis e regras metodológicas dos marxistas ortodoxos e historiadores sociais conservadores, bem como as dos sociólogos funcionalistas, responsáveis pelo ‘sistemas de estratificação’ que explicam e justificam as diferenças de classe - que possivelmente surgiu um novo olhar dentro do pensamento marxista que dialogasse com a antropologia<sup>2</sup>, enfatizando as relações entre os seres humanos, os seus processos históricos e contextos sociais<sup>3</sup>. Foi a partir deste solo ontológico que a categoria de experiência formulada por este autor, apareceu muito próxima a categoria de cultura<sup>4</sup> nas análises sociais, já que ambas se propõem pensar as práticas da vida cotidiana.

Essa articulação entre *experiência* e *cultura* acabou possibilitando uma desconstituição do que muitos autores chamam de estrutura, compreendendo assim, que as determinações objetivas do ser social podem possibilitar mudanças através do agir e das próprias intervenções dos seres humanos. É neste sentido que a compreensão de Marx, pautado na idéia de que

*Os homens são produtores de suas representações, de suas idéias, etc, mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A*

<sup>2</sup> Raros são os antropólogos que centram suas análises no recorte de classe. Aqueles que existem tendem a apoiar-se em conceitos e abordagens analíticas desenvolvidas nas disciplinas menos etnográficas – sociologia e ciência política. Chegam a se inspirar também em instigantes paradigmas desenvolvidos para o estudo antropológico de raça, etnia, gênero, etc. Porém, ao contrário dos seus colegas de outras áreas – raramente se definem em função de seu objeto, em geral não travam discussões entre eles, não chegam a formar escolas. Assim, o estudo antropológico de classe, enquanto área temática, praticamente some do mapa (FONSECA, 2006: 13-14).

<sup>3</sup> Thompson posicionou-se contra essas tendências enfatizando as relações entre o humano e o histórico. A seu ver, classe é um fenômeno histórico e não uma categoria rígida, cristalizada, tal como a compreendiam, de um lado a ortodoxia marxista, de outro a sociologia funcionalista (MORAES e MÜLLER, 2003: 04).

<sup>4</sup> A categoria de ‘experiência’, em sua articulação com a de ‘cultura’, talvez seja um dos marcos teóricos mais controversos no âmbito da obra thompsoniana (MORAES e MÜLLER, 2003: 10).



*consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX e ENGELS, 1986: 36)*

aparece efetivamente no pensamento de E. P. Thompson. Assim, é a partir desta relação entre *experiência* e *cultura* que acreditamos ser possível aproximar as idéias de E. P. Thompson e Marshall Sahlins no que se refere às críticas ao estruturalismo, além da própria compreensão da história nas relações sociais<sup>5</sup>.

Para Sahlins, “*a cultura é historicamente reproduzida na ação*” (SAHLIN, 2003b: 07) assim, a experiência aparece como uma categoria que possibilita uma determinada ação que pode modificar ou reproduzir um determinado aspecto cultural, de acordo com as conveniências percebidas pelos grupos que vivenciam nos seus determinados contextos<sup>6</sup>. É a partir desta perspectiva que Sahlins percebe que o

*(...) que os antropólogos chamam de ‘estrutura’ – as relações simbólicas de ordem cultural – é um objeto histórico. Essa afirmação cancela de modo explícito a oposição de noção, encontrada por toda parte nas ciências humanas, entre “estrutura” e “história” (SAHLINS, 2003b: 07,08).*

Portanto, é a partir deste entendimento que acreditamos ser fundamental uma clarificação das idéias no que se refere à confusão acerca de uma leitura estruturalista do pensamento de Marx, isso tanto nos referenciais sociológicos quanto nos antropológicos. Dentre estas confusões, as mais frequentes referem-se ao entendimento de que “*a estrutura social (...) depende estreitamente das relações econômicas específicas que nascem do controle dos recursos*” (GODELIER, 1978: 45, 46)<sup>7</sup> ou ainda, referente à compreensão de Althusser<sup>8</sup> de que “*a lógica estrutural supera o fato histórico*” (WOOD, 2003: 56). Para muitos destes autores que afirmam utilizar um enfoque epistemológico de caráter marxista - materialista histórico e dialético -, mas

<sup>5</sup> As pessoas enquanto responsáveis por suas próprias ações, realmente se tornam autoras de seus próprios conceitos; isto é, tomam a responsabilidade pelo que a sua própria cultura possa ter feito com elas (SAHLINS, 2003b: 189).

<sup>6</sup> (...) como as circunstâncias contingentes da ação não se conformam necessariamente aos significados que lhes são atribuídos por grupos específicos, sabe-se que os homens criativamente pensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação (SAHLINS: 2003b, 07).

<sup>7</sup> Citando uma abordagem com viés estruturalista, mas que se autodenomina como marxista por utilizar um referencial pautado na economia em análises antropológicas.

<sup>8</sup> Citando outra abordagem estruturalista, que também se autodenomina marxista por também utilizar distinções pautadas na economia nas análises sociológicas.



que na verdade utilizam referenciais estruturalistas, a visão estrutural pautada em uma abordagem que vislumbra apenas os aspectos econômicos é o que estabelece os parâmetros de uma análise possivelmente reducionista, uma vez que desconsidera outros aspectos que muitas vezes são determinantes para se aprofundar nas análises propostas.

Estas análises de caráter estruturalistas que se afirmam como marxistas, uma vez que se utilizam referenciais econômicos, geralmente acabam desconsiderando os aspectos referentes às culturas específicas dos grupos que estão sendo estudados, uma vez que compreendem que sempre há um aspecto estrutural pautado nos modos de produção<sup>9</sup>. Contudo, não compreendem que a análise de Marx sobre o modo capitalista de produção centrava-se especificamente no contexto cultural e histórico de sua época. Utilizá-lo de forma universal, seria utilizar-se de uma forma muito mais dogmática do que propriamente analítica<sup>10</sup>. Assim, correríamos o sério risco de “(...) *negar a importância dos dados empíricos em qualquer pesquisa, pois é nos movimentos mais simples da vida cotidiana, na empiria mais imediata, que se situa o ponto de partida para compreender o ser social em seu sentido ontológico*” (MORAES e MÜLLER, 2003: 03).

Pierre Clastres, pouco antes de falecer, escreveu um artigo bastante polêmico<sup>11</sup> intitulado “Os marxistas e sua antropologia” em que fez críticas veementes a abordagem antropológica de autores que se afirmavam marxistas. As críticas feitas por ele a Godelier e a Meillassoux permeiam a mesma lógica das críticas de Thompson a

---

<sup>9</sup> (...) dado que os efeitos determinativos do modo de produção operam simultaneamente na esfera ‘econômica’ e ‘não-econômica’, eles são também ubíquos. O argumento não pretende negar nem reduzir a importância os efeitos determinativos do modo de produção, mas, ao contrário, reforçar a proposição de que eles são ‘operacionais o tempo todo’ e em toda parte. Em outras palavras, é possível que o materialismo de Thompson atinja seu ápice no exato momento em que ele se recusa a privilegiar a ‘economia’ em relação à “cultura” (WOOD, 2003: 62).

<sup>10</sup> Admitir processos históricos como geradores de novas formas de pensamento e sociabilidade, assim como passagens, transcrições de um modo de produção a outro, não deve conduzir o pensamento teórico a interpretá-los como regularidades contingentes expressas em oposições binárias e, muito menos, como expressões passivas subsumidas aos comandos do pensamento. A partir do momento em que a História implica a restituição imagética de sociedades já desaparecidas no fluxo do tempo, ela deixa de ser um processo para se converter numa objetivação fria, uma alteridade irreversível cravada de descontinuidades. Mas esse grau zero da história é algo impensável nos caminhos do materialismo (CARVALHO, 2003: 71-72).

<sup>11</sup> Publicado na revista *Libre*, n. 3, em 1978 e no Brasil, publicado em uma coletânea de textos de Pierre Clastres intitulado “Arqueologia da Violência”.



Althusser<sup>12</sup>. Para Clastres, houve certa perda epistemológica na antropologia na medida em “o discurso estruturalista cedeu assim o passo ao discurso marxista como discurso dominante da antropologia” (CLASTRES, 2004: 214). Contudo, ele não compreendeu que a abordagem destes autores criticados e compreendidos por ele como marxistas, na verdade são de caráter estruturalista, uma vez que universalizam as relações sociais pautando-as apenas nas esferas econômicas.

Da mesma forma que Lévi-Strauss trata, por exemplo, o incesto como algo universal e presente em todas as sociedades, ou seja, algo fundamental para se compreender as especificidades das determinadas culturas<sup>13</sup>, Althusser, Godelier e Meillassoux compreenderão que são os modos de produção os aspectos determinantes para se compreender estes grupos, uma vez que as suas relações sociais são pautadas nas relações econômicas. Assim, enquanto que para Lévi-Strauss a troca de cônjuges é, por exemplo, o que estabelece a possibilidade de compreensão das relações sociais das sociedades, para estes outros autores que se propõem marxistas, esta compreensão se dá através da análise dos diferentes modos de produção existentes nestas sociedades. Contudo, compreende-se que tanto para Lévi-Strauss, quanto para Althusser, Godelier e Meillassoux, o que se procura é algo presente em todas as sociedades que possibilite justificar as suas análises, ou seja, o que efetivamente se procura é algo comum, universal e presente em todas as sociedades que, para estes autores, possibilitará análises das relações sociais presentes nos diferentes grupos estudados.

Por outro lado, as propostas tanto de E. P. Thompson quanto de Marshall Sahlins seria de compreender esta estrutura como uma relação entre os sujeitos, os processos históricos, os seus contextos e as suas próprias manifestações culturais – expressas através das experiências. Desta forma, se questionaria a relevância desta procura pela universalidade na tentativa de se compreender as realidades sociais<sup>14</sup>. Se há aspectos universais, por exemplo, qual seria a relevância destes para as análises das relações sociais? Será que não estaríamos imputando a esta procura por este algo universal certa

---

<sup>12</sup> Inclusive a veemência das críticas e o caráter agressivo são presentes nos textos de ambos os autores, tanto em “A Miséria da Teoria” de Thompson, quanto em “Os marxistas e sua antropologia” de Clastres.

<sup>13</sup> Isso sem considerar o principal referencial de Lévi-Strauss acerca da universalidade, que seria pautada na questão lingüística (influência direta de Saussure), claramente apresentada em “O Pensamento Selvagem”: Em todas as línguas, aliás, o discurso e a sintaxe fornecem os recursos indispensáveis para suprir as lacunas do vocabulário (LÉVI-STRAUSS, 2005: 15).

<sup>14</sup> (...) os próprios acontecimentos históricos têm assinaturas culturais distintas (SAHLINS, 2003b: 14).



importância analítica que não corresponderia com relevância da análise empírica? Desta forma, não estaríamos tirando de foco o nosso objeto, uma vez que ele acaba se tornando esta procura pelo universal? Ou ainda, será que não seria mais fácil ou mais simples analiticamente utilizarmos estes universais para justificarmos que as relações sociais possuem uma mesma origem?

Acreditamos que as abordagens estruturalistas, quando se pretendem universalizantes e focalizam primordialmente este posicionamento, podem estar correndo sérios riscos de cair em um reducionismo analítico. É conveniente considerar universal, por exemplo, que

*(...) o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que o homem deve estar em condições de viver para 'fazer história'. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e ter algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades (MARX e ENGELS, 1986: 39).*

Portanto, devemos compreender que se há aspectos universais presentes em todas as sociedades e/ou culturas, também devemos nos perguntar qual seria a relevância destes para a compreensão destas relações sociais para estes grupos.

O próprio processo histórico da sociologia e, principalmente, da antropologia, tem nos mostrado que a idéia de unilinearidade histórica demonstrou-se uma falácia, tanto que termos como “sociedade primitiva”, por exemplo, já não é mais utilizada devido a esta negação da escala evolutiva eurocêntrica. Entretanto, se existe algo universal em todas as sociedades, devemos procurar compreender qual a relevância disso, pois por um lado, este aspecto poderá ser extremamente importante e estrutural para aquela determinada sociedade, por outro, poderá não ser tão relevante quanto imaginamos. Contudo, se este universal realmente existe, ele está inserido em um determinado contexto e é exatamente este contexto que deveríamos analisá-lo.

Acreditamos que

*A história nada mais é do que a sucessão de diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; ou seja, de um lado prossegue em condições completamente diferentes a atividade precedente, enquanto, de outro lado, modifica*



*as circunstâncias anteriores através de uma atividade totalmente diversa (MARX e ENGELS, 1986: 39).*

Compreender a pertinência da idéia de universalidade no que Marx chamou de *primeiro pressuposto de toda existência humana*, não justifica a compreensão de que a superação destas necessidades humanas se dá de uma mesma forma em todos os lugares ou de que haverá uma escala unilinear do desenvolvimento social.

Assim, devemos considerar que para as sociedades existirem, primeiro os seres humanos deverão suprir estas necessidades humanas, contudo, suprirão de formas diferenciadas, de acordo com os seus contextos que são estabelecidos através das relações sociais pautadas, no que Thompson chamou de experiências vividas e percebidas<sup>15</sup>, que estarão inseridas em um determinado contexto histórico, social, cultural, além do econômico. Entretanto, não podemos justificar uma análise considerando ou priorizando apenas os referenciais econômicos, como faz Godelier, Meillassoux e o próprio Althusser, pois dessa forma desconsideraríamos o papel da consciência, construído a partir do limiar das experiências compartilhadas pelos sujeitos em uma sociedade e expressos através de suas culturas.

É desta forma que acreditamos na possibilidade de uma aproximação teórica entre os referenciais de Thompson e Sahlins no que se refere às críticas destinadas as concepções estruturalistas, além da própria aproximação dos conceitos de *experiência e cultura*. Em seu trabalho sobre a formação da classe operária inglesa, Thompson percebeu a importância da experiência na formação da consciência desta classe. Já Sahlins, em seu trabalho sobre determinado grupo *maori*, percebeu que as conveniências de grupos específicos em um contexto social possibilitaram a transformação e a mudança de um determinado mito, a chegada do capitão James Cook.

Desta forma,

---

<sup>15</sup> Muitos epistemólogos e sociólogos contemporâneos, diz Thompson, quando ouvem a palavra 'experiência' identificam-na imediatamente à Experiência II, a experiência percebida. Isto é, movem-se na direção do que Marx denominou de consciência social. Como conseqüência, afirmam que Experiência II é um meio imperfeito e falsificador, corrompido por interferências ideológicas, etc. (...) Thompson observa as regularidades no interior do ser social, com freqüência, resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. (...) Tais causas inevitavelmente dão ou devem dar origem à experiência vivida, a Experiência I, mas não penetram como reflexos na Experiência II (MORAES e MÜLLER, 2003: 13).





*Esta colisão de havaianos não é somente um paradigma, mas também resume uma possível teoria da história, da relação entre estrutura e evento, que se inicia com a proposição de que a transformação de uma cultura também é um modo de sua reprodução. Cada qual a sua maneira, chefes e povo reagem ao estrangeiro de acordo com suas autoconcepções e seus habituais interesses. As formas culturais tradicionais abarcavam o evento extraordinário, e, assim, recriavam as distinções dadas de status, com o efeito de reproduzir a cultura da forma que estava constituída. Porém, como já frisamos, o mundo não é obrigado a obedecer a lógica pela qual é concebido. As condições específicas do contato europeu deram origem a formas de oposição entre a chefia e pessoas comuns que não estavam previstas nas relações tradicionais. Temos aqui, então, a segunda proposição de nossa teoria da história: no mundo ou na ação – tecnicamente, em atos de referência – categorias culturais adquirem novos valores funcionais. Os significados culturais, sobrecarregados pelo mundo, são assim alterados. Segue-se então que, se as relações entre as categorias mudam, a estrutura é transformada (SAHLINS, 2003b: 174).*

Assim, se as relações entre as categorias mudam, transformando estas estruturas, as idéias referentes à valorização da universalidade acabam se demonstrando insuficientes quando são utilizadas como referência ou pressupostos das análises ontológicas. Pois, se há universalidade nas estruturas sociais, estas poderão ser transformadas de acordo com as conveniências sociais, culturais, históricas e, porque não, também econômicas.



## Referências Bibliográficas

CARVALHO, Edgar de A. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da Violência**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FONSECA, Claudia. Classe e a Recusa Etnográfica. In: *FONSECA, Claudia & BRITES, Jurema. Etnografias da Participação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

GODELIER, Maurice. Economias e Sociedades: Abordagem Funcionalista, Estruturalista e Marxista In: *CARVALHO, E. A. (Org.). Antropologia Econômica*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. Partes Mortas, Idéias Vivas do Pensamento de Marx sobre Sociedades Primitivas. Marxismo e Evolucionismo. In: *CARVALHO, E. A. (Org.). Antropologia Econômica*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

\_\_\_\_\_. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papyrus, 2005.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAES, Maria C. & MULLER, Ricardo G. Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”: E. P. Thompson, História e Sociologia. **Campinas: XI Congresso Brasileiro de Sociologia**. Campinas: Unicamp, 2003.

MORAES, Maria C. & MULLER, Ricardo G. A Miséria da Teoria – O Debate de History Workshop. **Esbocos**, N. 14, PPGH/UFSC, 2005.



SAHLINS, Marshall D. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003b.

THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Força dos Trabalhadores**. Vol. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa – A Árvore da Liberdade**. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

WOOD, Ellen M. **Democracia contra Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2003.